



Falam todos em línguas? A glossolalia em perspectiva teológica cessacionista

Do you all speak in tongues? Glossolalia in a cessationist theological perspective

*Luciano Betim

Resumo

Este artigo visa discutir a temática do falar em línguas. A manifestação da glossolalia acompanhou a igreja nascente. Entretanto, há uma discussão teológica sobre a continuidade do falar em línguas história ou se a prática da glossolalia estava restrita ao período apostólico. Para compreender o tema buscamos dialogar com o assunto no contexto das ocorrências no livro de Atos dos Apóstolos e na Primeira Carta à Igreja de Corinto. Os resultados da pesquisa indicam que a glossolalia era um dos sinais apostólicos. O testemunho histórico mostra uma diminuição nas ocorrências carismáticas da glossolalia logo após os primeiros séculos. Este texto é de natureza bibliográfica. Interagimos com João Calvino e teólogos da tradição reformada, entre eles Abraham Kuyper, William Hendriksen, Anthony Hoekema, Simon Kistemaker e outros.

Palavras-chave: Dons Espirituais; Falar Línguas; Sinais dos Apóstolos.

Abstract

This article aims to discuss the topic of speaking in tongues. The manifestation of glossolalia accompanied the nascent church. However, there is a theological discussion about the continuity of speaking in tongues throughout history or

*Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: lucianobetim@outlook.com.br



Enviado em
02.07.2024

Aprovado em
12.05.2025

Ano XXXIII - V. 34 - Nº 111
Mai - Dez 2025



Programa de Estudos
Pós Graduados em
Teologia - PUC/SP

whether the practice of glossolalia was restricted to the apostolic period. To understand the topic, we sought to discuss the subject in the context of occurrences in the book of Acts of the Apostles and in the First Letter to the Church of Corinth. The results of the research indicate that glossolalia was one of the apostolic signs. Historical testimony shows a decrease in charismatic occurrences of glossolalia soon after the first centuries. This text is bibliographical in nature. We interact with John Calvin and theologians of the Reformed tradition, among them Abraham Kuyper, William Hendriksen, Anthony Hoekema, Simon Kistemaker and others.

Keywords: Spiritual Gifts, Speaking In Tongues; Signs of the Apostles.

Introdução

O interesse pelos dons espirituais ocorria entre os cristãos da comunidade de Corinto (1Co 14.12) e ainda ocorre na atualidade. Os dons são dados para a edificação comunitária e não para a exposição particular daqueles que os possuem. O objetivo geral desse artigo consiste em demonstrar que a prática do falar em línguas estava ligado ao ministério apostólico, tratando-se de “sinais dos apóstolos”, desaparecendo aos poucos na prática comunitária das igrejas. Nesse sentido ocorreu uma cessação gradual na igreja, embora não se possa falar numa cessação total. Entre os objetivos específicos estão o sentido teológico do falar em línguas e um estudo relacionado às orientações quanto ao falar em línguas no contexto da igreja primitiva.

Em alguns movimentos, mais especificamente nas igrejas de renovação, notam-se certas distorções nas supostas manifestações e práticas das línguas. Além do mais, há outros fatores, como por exemplo o uso indiscriminado do falar em línguas nos cultos comunitários, sem dar a devida atenção às orientações paulinas referentes às línguas e interpretação das mesmas, como aparece nas orientações da Primeira Carta de São Paulo aos cristãos da igreja de Corinto (capítulos 12 ao 14).

A metodologia adotada consiste na revisão de literatura. O diálogo ocorre especificamente com teólogos e biblistas situados na tradição reformada. Destacamos textos de João Calvino, Herman, Abraham Kuyper, William

Hendriksen, Anthony Hoekema, Simon Kistemaker e outros. Em primeiro lugar analisar-se-á o significado exegético do falar em línguas, bem como sua utilidade e normas para a prática nos tempos apostólicos. Em segundo lugar mostrar-se-á que as línguas eram sinais que comprovavam a autenticidade do ministério do Apóstolos. Em terceiro lugar, observar-se-á a uma certa cessação gradual das línguas na história da igreja nos séculos após a morte dos apóstolos.

1. O dom de línguas e sua utilidade nos tempos apostólicos

Os dons espirituais ou carismas, despertam curiosidade em muitas pessoas na comunidade cristã. Antes de avançar no tema é importante entender o que são carismas ou dons espirituais. Kuypers (2010, p.209) define como “[...] meios e poderes divinamente ordenados pelos quais o Rei capacita sua igreja a realizar sua tarefa na terra. E o Catecismo de Heidelberg (2009) insta que cada cristão tem o dever de usar seus dons com disposição e alegria para o benefício e o bem-estar dos outros membros”.

Em algumas comunidades de tradição pentecostal e neopentecostal há uma certa fixação nos chamados “dons espetaculares”, a qual tem desviado o foco no uso dos carismas criando assim um desequilíbrio. Entre os dons mais “cobiçados” encontram-se o dom de línguas, a profecia preditiva e os carismas de operações de milagres. Nossa foco é destacar o falar em línguas.

Herman Bavinck, teólogo reformado holandês, aponta o sentido do falar em línguas na igreja primitiva como um testemunho missionário:

Como [...] essa recém-estabelecida e pequena igreja mundial começaria a proclamar em muitas línguas as poderosas obras de Deus? Na criação, as estrelas da manhã cantaram e todos os filhos de Deus gritaram com alegria. No nascimento de Cristo, uma multidão de exércitos celestiais entoou um canto de júbilo ao beneplácito de Deus. No nascimento da igreja, a própria igreja aclama, em muitas línguas, as grandes obras de Deus (BAVINCK, 2012 p.509).

Essas línguas poderosas citadas por Bavinck aparecem no livro Atos dos Apóstolos e na primeira Carta a Igreja de Corinto. O termo grego *glōssa*, (glwssa) é utilizado no Novo Testamento (At 2.1-4; 1Co 12-14) e tem, basicamente, o

significado de “[...] língua como órgão da fala [...]”; dom sobrenatural de falar em outro idioma sem tê-lo aprendido” (UNGER et al, 2002, p.754). Calvin (2003, p.381) escreve: “[...] Naquela época, não adquiriam estes dons através de árduo trabalho ou estudo; ao contrário, os possuíam através de uma maravilhosa revelação do Espírito”. Não era algo aprendido, mas sim um presente da graça. Kuyper, outro teólogo reformado holandês, aponta também a possibilidade de uma linguagem “celestial” num contexto escatológico:

No dia do Senhor, na festa das bodas do cordeiro, todos os redimidos entenderão uns aos outros. De que maneira? Pela restauração da linguagem pura e original sobre os lábios dos redimidos, que são nascidos da operação do Espírito Santo sobre a mente humana [...] No meio da babel das nações no dia de Pentecostes, a única linguagem humana pura e poderosa foi revelada, a língua que um dia todos falarão e que todos os irmãos e irmãs de todas as nações e línguas entenderão [...] Eles falaram a linguagem celestial para louvar a Deus – Não uma língua de anjos, mas uma acima da influência do pecado (KUYPER, 2010, p.167).

Que eles falaram em línguas fica claro conforme a citação cima. Cabe agora saber o objetivo, o propósito do dom de línguas. Paulo refere-se aos dons como uma “[...] manifestação do Espírito, visando ao bem comum” (1 Co 12.7). Dentro do contexto da igreja apostólica nascente, na qual o Novo Testamento ainda estava sendo formado, o dom de línguas carregava pelo menos dois objetivos. O primeiro deles era a edificação do falante em suas orações devocionais (1Co 14.2,4,19). O segundo era a revelação da vontade de Deus quando acompanhado do dom de interpretação (1Co 14.5,13,27).

Em relação ao primeiro objetivo, a edificação pessoal do falante, diz Paulo: “Quem fala em língua a si mesmo se edifica (1 Co 14.4a.). Calvin (2003, p.441) observa que “[...] Deus jamais concedeu a sua Igreja dom algum sem que tivesse algum propósito para o mesmo; e as línguas eram de alguma utilidade naquele tempo [...]. Da mesma forma, Kuyper (2011, p.163) assevera que “[...] o falar em línguas tinha um efeito edificante sobre a pessoa que falava; mas era uma edificação não entendida, o efeito de uma operação estranha na alma”.

Como ocorria essa edificação? Kistemaker (2004, p.667) interage com essa questão:

Como uma pessoa que fala numa língua edifica a si mesma? [...] Paulo parece falar de forma positiva, porque ele incentiva todos os leitores a falarem em línguas (v. 5). Ele também observa que a oração em particular a Deus, mesmo quando feita numa língua, é uma questão entre o crente e Deus [...] Portanto, ninguém está livre para invadir a privacidade religiosa de outra pessoa; a oração, quer falada ou silenciosa, é uma via de duas mãos. Deus recebe o louvor e a gratidão de quem fala e ao mesmo tempo lhe concede consolo e encorajamento.

É importante salientar que Paulo repreende o falar em línguas em voz audível no culto público caso não haja a interpretação: “Se, porém, alguém falar em língua, devem falar dois, no máximo três, e alguém deve interpretar. Se não houver intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus (1Co 14.27-28). Calvino (2003, p.437) entendeu esse falar em silêncio, como o desfrutar e refletir íntimo do carisma em seu próprio coração, dando graças em silêncio. Paulo não proíbe, mas regulamenta. Kistemaker (2004, p.703) observa que a pessoa que tem o dom de falar línguas possui o controle de suas faculdades e que isso podia ser feito também na privacidade do lar.

Em relação ao segundo objetivo das línguas quando acompanhado da interpretação, diz Paulo: Quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que as interprete, para que a igreja seja edificada (1 Co 14. 5b). A seguir ele acrescenta: “Por isso, quem fala em língua, ore para que a possa interpretar” (v.13). A preocupação apostólica é com a ordem e instrução profética no culto público. Calvino (2003, p.416) diz que “[...] se a interpretação for adicionada, então teremos profecia [...] e que tudo quanto fizermos, façamo-lo para a edificação da Igreja”. Da mesma forma, Kistemaker (2004, pp.680-681) comenta que, no contexto do culto público, o uso das línguas só pode ser permitido com interpretação, enfatizando assim a ideia da edificação da comunidade. Não se deve perder de vista esse princípio: a edificação da comunidade.

A orientação do autor bíblico objetivava instruir o falante em línguas em suas devoções particulares, no sentido de que experimentasse a edificação, o crescimento pessoal. Caso ocorresse uma manifestação pública, que fosse então acompanhada da interpretação. Por isso seu conselho é: “Visto que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja” (1 Co 14.12). Atualmente esse conselho é ignorado em muitas comunidades de renovação.

2. Línguas eram sinais dos Apóstolos

Há uma discussão se os dons continuam ou não sendo concedidos ao povo de Deus. Trata-se de duas perspectivas: os cessacionistas e os continuistas. A primeira tem uma visão negativa. A segunda visão é mais positiva. É nesse sentido que é feita uma certa classificação dos dons: miraculosos (curas, profecias, línguas) e não miraculosos (ensino, contribuição, socorro, diaconia etc.) (HOEKEMA, 1997, pp.39-40). Ambos os grupos concordam que os dons não-miraculosos ainda estão presentes. Mas em relação aos carismas miraculosos, são eles ainda concedidos? Para aqueles que seguem a perspectiva cessacionista, não.

A razão para a negação dos carismas miraculosos na atualidade é relacionada com o ministério dos Apóstolos:

Eles foram treinados e capacitados para sua missão pelo próprio Jesus [...] Eles participaram, em uma medida extraordinária, do Espírito Santo, que os ensinou e os conduziu a toda verdade [...] Seu testemunho foi selado por Deus com sinais e maravilhas e ricas bênçãos espirituais (BAVINCK, 2012 p.342).

Bavinck, citado acima, enquadra-se no grupo dos cessacionistas. Para os cessacionistas são importantes algumas passagens bíblicas no Novo Testamento, lançando luz sobre o assunto. Diz Lucas em Atos: “Paulo e Barnabé passaram bastante tempo ali, falando corajosamente do Senhor, que confirmava a mensagem de sua graça realizando sinais e maravilhas pelas mãos deles [...] alguns estavam a favor dos judeus, outros a favor dos apóstolos” (Atos 14.3-4). De acordo com Hoekema (1997, p.40), esses sinais eram uma forma de

atestar o ministério Apostólico creditando-lhes como mensageiros da boa nova. Comentando o mesmo texto, diz Kistemaker (2003, p.16):

O Senhor, pois, capacita os missionários a realizar obras extraordinárias, fazendo com que o povo de Icônio preste atenção. Deus realiza milagres em resposta ao aumento da fé e para o benefício desse aumento. Os apóstolos recebem de Deus os dons carismáticos para curar os enfermos e ressuscitar os mortos, de forma que a fé do povo de Deus é fortalecida.

Há ainda outros textos sobre o assunto: “Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação, a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus: pelo poder de sinais e maravilhas e por meio do poder do Espírito de Deus” (Rm15.18-19). Comentando esse texto, Calvino (2001, p.509), salienta que essas manifestações miraculosas selavam o Apostolado de Paulo, de modo a comprovar que fora ele enviado. Essa é a mesma linha de pensamento de Hoekema (1997, p.41) ao observar que esses sinais miraculosos autenticam o ministério apostólico paulino nas comunidades daquela região.

Certamente a passagem bíblica mais explícita ligando os dons miraculosos ao ministério dos Apóstolos, está na Primeira carta de São Paulo à comunidade de Corinto: “As marcas de um apóstolo — sinais, maravilhas e milagres — foram demonstradas entre vocês” (2 Co 12.12). Novamente, citamos o reformador. O argumento de Calvino (2008, pp.308-309) é no sentido de que esses sinais autenticam a genuinidade, a autenticidade do ministério apostólico de Paulo, de modo que quanto maior era o poder de operar sinais, maior era a confirmação do seu apostolado. Sendo assim o objetivo era a autenticação ministerial apostólica.

Hoekema (1997, p.40) argumenta que é como se Paulo afirmasse:

Vocês pessoas de Corintos [...] deviam saber que realmente sou um Apóstolo foram-lhes por mim demonstrado [...] Paulo está dizendo [...] os dons miraculosos – que ele não só tinha, como também estava habilitado a transmitir aos outros (Hoekema, 1997, p.40).

Um último texto indicando a relação dos carismas miraculosos com as atividades apostólicas está no livro de Hebreus: “Esta salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram. Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo” (Hb 2.3-4). Ao comentar essa passagem, Calvino (2012, p.52-54) destaca que os Apóstolos tiveram seu ministério confirmado através de sinais, maravilhas e dons, como o dom de línguas, objetivando selar a veracidade do evangelho.

Todas essas passagens observadas, apontam para o sentido de que os dons miraculosos eram credenciais apostólicas. Ora, quando se leva em conta que o dom do apostolado estava ligado à fundação da igreja (Atos 15.21-22; Efésios 2.20-21), tendo cessado, isso significa que os sinais ligados a eles cessaram também. Se de fato eram sinais dos apóstolos, e os apóstolos não deixaram sucessores, conforme o entendimento da teologia reformada, não há mais a ocorrência dos miraculosos na atualidade.

Aqui pode surgir um questionamento aceitável: Por que Deus concederia certos dons para a comunidade iniciante, através do Espírito Santo, porém, poucos séculos mais tarde retirá-los-ia da comunidade? Não há uma resposta fácil para esse questionamento. Uma resposta é ensaiada por Hendriksen (2007, p.164):

O Espírito Santo conferira à Igreja primitiva certos dons especiais ou carismas. Contavam-se entre eles: a capacidade de realizar milagres de cura, falar em línguas e profetizar. [...] A Igreja, em sua infância, não possuía ainda a Bíblia completa (Antigo Testamento e Novo Testamento). Não possuía ainda um vasto acervo de literatura cristã, tal como possuímos hoje. A hinologia cristã também estava ainda em sua fase incipiente. Numericamente falando, também, a Igreja ainda era bastante insignificante. Além disso, ela era objeto de escárnio e desprezo de todos os lados. Em tal situação, Deus, graciosamente, providenciou apoios ou dotações especiais, até que chegasse o tempo quando esses dons não mais seriam necessários.

Conforme a observação do autor acima, os dons carismáticos supriam as necessidades da igreja nascente. Mas é importante desatacar que o entendimento bíblico teológico de que os dons miraculosos cessaram, não significa que Deus

não faça mais milagres na atualidade. Os teólogos cessacionistas, com destaque para Anthony Hoekema (1997, p.42) enfatiza que Deus, por meio da ação do Espírito ou segundo a sua providência, ainda opera maravilhas, curas e milagres, respondendo positivamente oração do seu povo. John Frame, teólogo e biblista presbiteriano norte-americano, enfatiza que não se pode duvidar de que Deus está pessoalmente presente de maneira especial nas assembleias cristãs, agindo ordinária e extraordinariamente (FRAME, 2006, p. 50). Embora não mais agindo por meio dos dons miraculosos, Deus responde às orações de seu povo e dentro de sua vontade, realizando atos extraordinários.

3. O desaparecimento gradual da glossolalia na história da igreja

Uma pesquisa na história da igreja testemunha um declínio dos dons miraculosos após a morte dos Apóstolos. Evidentemente que não possuímos todos os dados, trabalhando apenas com aqueles que estão disponíveis. A diminuição da ocorrência da glossolalia é comprovada na igreja antiga. Destacamos aqui o testemunho de Crisóstomo, Agostinho, Lutero e Calvino, conforme evidenciado por Grant Osborne, em excelente artigo na Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã (OSBORNE, 2009. p. 440). Nas próximas páginas apresentamos um breve apanhado de teses cessacionistas.

Crisóstomo (347-407 d.C.,), famoso pai da igreja, ficou conhecido como “boca de ouro”, tendo sido ordenado presbítero no ano de 386 d.C. (GALLATIN, 2009, p. 371). Comentando sobre os dons em 1Coríntios 12, ele diz:

Essa passagem é muito obscura. O desconhecimento dos acontecimentos de então, e que agora não advêm, produz a obscuridade. E por que agora não sucedem? Eis, pois, que a causa da obscuridade gera outra interrogação para nós. Por que acontecia então e agora, não? (CRISÓSTOMO, 2010, p. 403).

O contexto da fala de Crisóstomo está tratando dos carismas miraculosos, entre eles o falar em línguas. Ele enfatiza que elas já não ocorrem mais na comunidade. Da mesma forma, Agostinho (354-430), considerado o maior doutor da igreja antiga, trata dos dons espirituais miraculosos como algo do passado:

No período primitivo, o Espírito Santo caiu sobre os que criam: e falavam em línguas que jamais haviam aprendido, “como o Espírito lhes concedia que falassem”. Eram sinais adaptados a essa época. Precisava haver aquela evidência do Espírito em todas as línguas, mostrando que o evangelho de Deus havia de correr através de todas as línguas sobre a terra. Aquilo foi como evidência e então passou (AGOSTINHO apud Chantry, 1996, p.129-130).

Isso não significa que não ocorreram manifestações de línguas na história da igreja. É importante destacar que essas ocorrências estiverem relacionadas com movimentos marginais ao cristianismo oficial. Destacamos aqui os excessos nas supostas manifestações carismáticas no montanismo, nos primeiros séculos, mais tarde e os irvingitas, entre 1792 e 1834 (Sproul, 2014, p.144). Mas recentemente têm ocorrido manifestações em grupos pentecostais e neopentecostais.

Uma pequena lista de teólogos reformados, defensores da corrente cessacionista, é apresenta por Hendriksen (2014, p.737):

[...] Esses dons extras foram dados para a fundação e estabelecimento da igreja no mundo. Mas, desde que [...] a Igreja foi plenamente fundada e estabelecida, esses dons extraordinários cessaram de existir”. Entre outros que expressaram um entendimento semelhante, estão Matthew Henry, George Whitefield, Charles H. Spurgeon, Robert L. Dabney, Abraham Kuyper, Sr., e W. G. T. Shedd.

Dentro da tradição reformada, são nomes importantes. Representam um período desde a pós-reforma até a atualidade. Embora o silêncio da história não seja conclusivo, ou seja, não sirva como uma (como) prova irrefutável, não deixa de ser um dado interessante e deve ser levado em consideração juntamente com a evidência de que esses dons carismáticos eram sinais dos Apóstolos. Nesse sentido, aqueles que hoje alegam possuir o dom, devem fornecer as provas de que falam idiomas estrangeiros e que no mínimo se atenham às recomendações apostólicas quanto ao uso da glossolalia nas reuniões de adoração.

Considerações finais

Neste artigo objetivamos abordar a temática do falar em línguas. Dialogamos com alguns textos do Novo Testamento. Interagimos, também, com

o pensamento bíblico-teológico de alguns pais da igreja, reformadores. Também o fizemos com outros teólogos reformados. O texto propôs verificar se o falar em línguas continua na história ou estava de alguma forma restrito ao período apostólico ou ao período da patrística. Foram abordados também outros temais, tais como a utilidade das línguas no contexto da igreja apostólica, as línguas como sinais dos apóstolos e o testemunho histórico de sua cessação ou, no mínimo, de sua diminuição.

Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto. Entendemos, porém, com base nas fontes bibliográficas consultadas, termos cumprido o propósito e alcançado os objetivos estabelecidos. Chegou-se à conclusão de que nem todos falam em línguas. É o entendimento oficial no meio reformado clássico o pensamento de que as línguas eram sinais conectados ao ministério dos apóstolos. Nesse sentido os dons miraculosos foram aos poucos desaparecendo após os primeiros séculos da igreja cristã.

É fato que o falar em línguas reapareceu nos dois últimos séculos com o advento do movimento pentecostal e neopentecostal. Na igreja católica, a glossolalia ganhou força através do movimento carismático. É importante que as comunidades e os praticantes da glossolalia atual acolham de bom grado as orientações paulinas para a prática do dom nas reuniões, seguindo assim a recomendação para que haja ordem e decência (1Co 14.26-29).

Referências

- CATECISMO de Heidelberg. In: *As Três formas de Unidade das Igrejas Reformadas*. Recife: Clire, 2009.
- BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada, volume 3*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada, volume 4*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA. *Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- CALVINO, João. *Romanos*. São Paulo: Edições Parakletos, 2001.
- CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Bernardo do Campo SP: Edições Parakletos, 2003.
- CALVINO, João. *2 Coríntios*. São José do Campos: Editora Fiel, 2008.

- CALVINO, João. *Hebreus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.
- CHANTRY, Walter. *Sinais dos Apóstolos*. São Paulo: Editora PES, 1996.
- FRAME, John. *Em espírito e em verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- GALLATIN, H.K. João Crisóstomo. In: ELWELL, Walter. *Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã, volume único*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- GEISLER, N.L. Agostinho de Hipona. In: ELWELL, Walter. *Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã, volume único*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Marcos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014a.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014b.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- HOEKEMA, Anthony. *Salvos pela Graça: A doutrina bíblica da salvação*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.
- KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Atos volume 1*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003a.
- KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Atos volume 2*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003b.
- KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- KUYPER, Abraham. *A obra do Espírito Santo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- OSBORNE, G.R. Falar em línguas. In: ELWELL, Walter. *Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã, volume único*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- UNGER, Merril et al. *Dicionário Vine: O significado Exegético das Palavras do AT e NT*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.